

MEMÓRIA HISTÓRICA: A CIDADE DE TRÊS BARRAS-SC NA PERSPECTIVA BIOGRÁFICA (1900-1990)

Historical memory– the city of Três Barras-SC in the biographical perspective (1900-1990)

Soeli Regina Lima*

***Universidade do Contestado - UNC / Porto União, Santa Catarina**
soelihistoria@gmail.com / soeli@unc.br

RESUMO

O foco interpretativo deste trabalho está situado no trabalho com a história oral como possibilidade de compreender o processo de evolução da cidade através de biografias de vida. O recorte temporal priorizou as primeiras décadas do século XX e o espacial o perímetro urbano do município de Três Barras (SC). Foram realizadas 12 entrevistas semiestruturadas com sujeitos com idade superior a 70 anos. A narrativa biográfica contextualizada com fontes bibliográficas, fotográficas, mapas, somadas a dados estatísticos demonstraram a evolução da produção espacial urbana vinculada a *company town* da *Southern Brazil Lumber and Colonization Company* e *MWV Rigesa*; da cultura de imigrantes, das relações socioculturais e de trabalho. A biografia histórica como importante fonte da memória da cidade, traduz não unicamente a experiência do biografado, vai além, estando implícitos nela os valores, ideias, tradições e comportamentos, ou seja, formas de ser e agir da sociedade.

Palavras-chave: Cidade. Espaço urbano. História oral. Biografia histórica.

ABSTRACT

The interpretative focus of this work is placed in the work with the oral history as the possibility of understanding the city evolution process through life biographies. The temporal framing prioritized the first decades of the XXth. Century, and the spatial one the urban area of Três Barras city (SC). Twelve semi-structured interviews were made with subjects older than 70. The biographic narrative contextualized with bibliographic, photographic sources and maps added to statistic data, showed the evolution of urban spatial production linked to the *company town* of *Southern Brazil Lumber and Colonization Company* and *MWV Rigesa*; of immigrants' culture, of the sociocultural and working relations. The historical biography as an important memory source from the city, translates not only the experience of the biographee but goes beyond, being implicit within it the values, ideas, traditions and behaviors, i.e. the ways of the society being and acting.

Key-words: City. Urban space. Oral history. Historical biography.

1 PRODUÇÃO DO ESPAÇO URBANO ATRAVÉS DA MEMÓRIA BIOGRÁFICA

Compreender a formação histórica de uma cidade é uma atividade complexa e que apresenta diferentes fontes de interpretação. A documental, de cunho comprobatório, nos remete a veracidade dos fatos e a lógica de ocupação territorial, já o estudo da cidade via biografias de vida, está nos relatos daqueles que foram protagonistas e/ou descendentes destes que possibilitam diferentes interpretações da lógica ocupacional.

Pensar a cidade como contraponto do rural, como centro de decisões, de desenvolvimento econômico, de concentração populacional, nos remete a ideia de transformações constantes. “A permanência da existência de assentamentos reconhecidos como cidades ao longo desses milhares de

anos, não significa que os conteúdos econômicos, sociais, políticos e culturais desses assentamentos tenham permanecido estáveis” (SPOSITO, 2005, p. 37).

Essas alterações que ocorrem ao longo do tempo podem ser identificadas nas materialidades urbanas, bem como acompanhando a trajetória de vida dos seus moradores. Estes, ao narrarem seu passado histórico podem identificar a evolução do espaço urbano.

A cidade pensada sob o enfoque do espaço urbano¹ tem dificuldades de aplicabilidade na análise empírica, visto que não existe uma dimensão e densidade específicas para se considerar uma unidade espacial como urbana. “O urbano designaria uma forma especial de ocupação do espaço por uma população, a saber, o aglomerado resultante de uma forte concentração e de uma densidade relativamente alta, tendo como correlato previsível uma diferenciação funcional maior” (CASTELLS, 2000, p.40).

Por outro lado, “o espaço urbano é simultaneamente fragmentado e articulado: cada uma de suas partes mantém relações espaciais com as demais, ainda que de intensidade muito variável” (CORRÊA, 1989, p. 7). Suas relações se completam através dos fluxos de pessoas associados às mercadorias, com deslocamentos entre áreas residenciais, de trabalho e de comércio.

Corrêa (1989) apresenta como agentes sociais capazes de fazer e refazer a cidade: os proprietários dos meios de produção, sobretudo os grandes industriais, os proprietários fundiários, os promotores imobiliários, o Estado e os grupos sociais excluídos. São esses agentes que promovem, conduzem, direcionam a mobilidade populacional. Assim é possível identificar, na trajetória de vida dos moradores da cidade, as formas de atuação destes agentes sociais, em especial quando do processo de grandes industriais.

De acordo com Lefebvre (1969), a cidade sofre um duplo processo com a presença industrial. A princípio com a explosão da cidade tradicional alterando a sua morfologia e numa segunda fase:

a cidade deixa de ser o recipiente, o receptáculo passivo dos produtos e da produção. O centro de decisão, aquilo da realidade urbana que subsiste e se fortalece na sua deslocamento, entra a partir de então para os meios da produção e para os dispositivos da exploração do trabalho social por aqueles que detêm a informação, a cultura, os próprios poderes de decisão (LEFEBVRE, 1969, p. 130).

Assim sendo, fica evidente que o processo de industrialização repercute no cotidiano dos moradores locais. O incremento populacional decorrente do sistema produtivo conduz a produção espacial.

Podemos, através da memória histórica, compreender a lógica da produção espacial urbana decorrente da presença do capital industrial, visto que a memória possibilita a reconstrução de tempos históricos nem sempre registrados de forma escrita ou iconográfica. Melhy (2002) ressalta que a memória pessoal é biológica e cultural, enquanto a grupal é essencialmente cultural e transcendente, ou seja:

A primeira só tem sentido nos exames individuais, das pessoas isoladamente. A segunda, em função dos mecanismos sociais, que explicam as atitudes individuais. Para a história oral, a memória individual só interessa na medida em que permite conhecimento do fenômeno social (MELHY, 2002, p. 52).

No que concerne à memória biográfica, ela passou por fases distintas: Dosse (2009) afirma que o século XIX não foi propício ao desenvolvimento pleno das biografias eruditas, onde a escrita biográfica ficou relegada aos amadores, permanecendo neste patamar ainda no início do século XX. Em 1903, na *Revue de Synthèse historique*, o sociólogo François Simiand, de maneira polêmica, trata da necessidade de quebrar três ídolos historiográficos: a cronologia, a política e a biografia.

A princípio, na fase da História *Magistra Vitae*, onde o orador era capaz de emprestar o sentido de imortalidade à história como instrução para a vida, ou ainda, como coleção de exemplos,

onde se pode citar o caso das biografias produzidas na História política, a História tornou-se linear, subjetivista, factual, tornando-a obsoleta. O retorno da biografia histórica se dá com a nova história política,² quando o indivíduo, as relações do Estado são investigadas. Os prós e contras de grandes nomes passaram a vender, despertando curiosidade.

Por parte da Nova História, na história descrita como vista de baixo, ou micro-história,³ a biografia retorna com ênfase. Elas tratam de personagens comuns, diferentemente das biografias prosopográficas, ou biografias coletivas. Para o historiador, adentrar no campo da biografia histórica, é fazer a história do tempo presente,⁴ ou seja, trabalhar com os regimes de historicidades, aquele em que passado, presente e futuro se entrecruzam. Na dialética temporal, os acontecimentos vão sendo decifrados.

Para o estudo da produção espacial das cidades, o uso da história oral possibilita aos pesquisadores, através de entrevistas semiestruturadas, não apenas reviverem os fatos históricos sob o ponto de vista do entrevistado, como também desvendar os pormenores, detalhes do cotidiano que estão impossibilitados de serem identificados em fontes escritas. A história oral é um “completar” lacunas criadas na análise documental; ela responde àqueles momentos de incompreensão sobre os porquês de os fatos terem ocorrido desta ou daquela forma. Dito de outra forma:

O oral não deve ser oposto dicotomicamente ao escrito, como duas realidades distintas e distantes, mas como formas plurais que se contaminam permanentemente, pois haverá sempre um traço de oralidade riscando a escritura e as falas sempre carregarão pedaços de textos (ALBUQUERQUE JÚNIOR, 2007, p. 230).

Ou ainda, “Como sabemos, pessoas não são livros, não podem ser estudadas como livros nem sequer podem ser colocadas como livros” (PORTELLI, 2010, p.210), mas podem abrir pistas reveladoras de um grupo social, através de suas experiências individuais. É através da história oral, ou seja, da narração dialógica que tem o passado com o assunto que brota do encontro do pesquisador e do entrevistado, que surge a possibilidade de a experiência individual revelar um contexto histórico-cultural amplo tão necessário no estudo da produção espacial das cidades.

2 DOS PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

O trabalho foi desenvolvido a partir de um recorte analítico apoiado no materialismo histórico dialético. Com o advento da História Nova, novos objetos passaram a ser pesquisados. “O mito da voz do povo, dos dominados, dos marginalizados, dos despossuídos, volta a servir no topo narrativo que dá legitimidade e unicidade ao discurso da História” (ALBUQUERQUE JÚNIOR, 2007, p. 234).

Quanto à escolha dos entrevistados, foram selecionados sujeitos de ambos os sexos com histórias de vida relacionadas à evolução da cidade, seguindo o pensamento de ALBERTI (2004, p. 31), “A escolha dos entrevistados não deve ser predominantemente orientada por critérios quantitativos, por uma preocupação com amostragens, e sim a partir da posição do entrevistado no grupo, do significado de sua experiência”.

Foi realizada uma série de 12 entrevistas semiestruturadas no período de setembro de 2013 a março de 2015. A opção de entrevista semiestruturada se deu diante do fato que ela: “[...] favorece não só a descrição dos fenômenos sociais, mas também sua explicação e a compreensão de sua totalidade [...]” (TRIVIÑOS, 1987, p. 152).

O roteiro foi elaborado com os seguintes eixos temáticos: estrutura familiar (origem dos pais, chegada no município, infância, namoro, casamento, aspectos culturais de ordem religiosa e social, cotidiano familiar); aspectos da produção espacial urbana vinculada à *company town* da *Southern Brazil Lumber and Colonization Company* e *MWV Rigesa*; imigração e relações de trabalho.

O trabalho com a história oral e memória histórica foi pautado em ALBERTI, 2004; ALBUQUERQUE JÚNIOR, 2007; BOSI, 2004; MELHY, 2002; PORTELLI, 2010; THOMPSON, 1992; LE GOFF, 1996; NORA, 1993.

Sobre os entrevistados podemos observar no quadro 01 a idade e temáticas que tiveram destaque de informações no transcrito da entrevista.

Quadro 01 – Quadro temático das entrevistas

	Entrevistado	Nasc.	Temática de destaque na entrevista
01	Alvino Szczerbowski	1938	Imigração polonesa- serraria <i>Lumber</i> , formação dos bairros
02	Felix Damaso da Silveira	1946	Evolução dos transportes, Rigesa
03	Gebrael Boulos El Kouba	1928	Transportes, imigração sírio libanesa, comércio
04	Leonor Crecêncio Boava	1935	Serraria <i>Lumber</i> , estrada de ferro
05	Lydia Heuko Brozowski	1928	Colônia Tigre
06	Lydia Jientara Chikalski	1929	Rigesa Florestal
07	Lydia Sava Suitck	1928	Centro da cidade
08	Maria Kovalski Procheira	1929	Imigração ucraniana
09	Martha Hoinaski Paiter	1939	Imigração ucraniana; formação dos bairros
10	Salvador Bedrechuk	1931	Saúde, Rigesa.
11	Sybila Gemra	1931	Serraria <i>Lumber</i> , centro da cidade
12	Teodoro Max Muller	1930	Rigesa, loteamentos, formação de bairros

Fonte: Entrevistas semiestruturadas realizadas pela autora.

Entrevistar é uma atividade que requer habilidades. Thompson (1992) afirma que existem diferentes estilos de entrevistadores, desde uma conversa amigável e informal, até o estilo mais formal, controlando as perguntas e acrescenta, apontando algumas habilidades necessárias, “interesse e respeito pelos outros como pessoas e flexibilidade nas reações em relação a eles; capacidade de demonstrar compreensão e simpatia pela opinião deles; e, acima de tudo, disposição para ficar calado e ouvir” (THOMPSON, 1992, p. 254).

No que concerne à recepção dos entrevistados, existem diferentes formas de transmitir suas informações. Em alguns casos, como da Dona Leonor Crecêncio Boava⁵, há uma preparação prévia. Ela organizou um roteiro do que deveria falar, assim reviveu os fatos passados. Com o tempo de entrevista, ela conseguiu desvincular-se do ato programado e narrou espontaneamente. Já Teodoro Max Muller⁶ havia preparado o cenário, selecionando álbum de fotos, o que ele acreditava ser relevante lembrar. “É importante o entrevistador saber distinguir a forma narrativa do entrevistado para poder compreender melhor a sessão e interagir de maneira mais eficiente. Da mesma forma, é significativo notar que há narradores com práticas de entrevistas” (MELHY, 2002, p. 129).

Sobre a citação anterior constatamos que o nível cultural, no caso das duas professoras aposentadas entrevistadas, fez com que fluíssem as respostas, demonstrando certo cuidado com as declarações realizadas, solicitando o que deveria ser ou não publicado.

As expressões emocionais puderam ser analisadas, em especial quando focada a Guerra do Contestado. Foi perceptível nas entrevistas a transformação nas expressões faciais, tom de voz e no olhar, quando da tristeza, do pavor e mesmo da dor dos fatos recordados. O misticismo religioso foi outro fator que pode ser revelado nas expressões, ora pelo tom de voz, como poder de convencimento, ora pelo sentimento de fé, na busca de uma imagem, no relato de uma promessa atendida por devotos.

Na relação entre a história oral e documento, Melhy (2002) aponta três possibilidades para se explicar a fundamentação documental da história oral: quando não existem documentos, quando existem versões diferentes da história oficial e quando se elabora outra história. As informações coletadas foram entrecruzadas com fontes documentais.

Através do relato, foi possível preencher lacunas dos fatos históricos. Fato esse relatado como o de ocupação de terras, loteamentos, formação de bairros, instalação de empresas, crescimento populacional.

O momento de invenção de qualquer objeto histórico seria o próprio passado e caberia ao historiador tentar dar conta dos agentes dessa invenção, definindo que práticas, relações sociais, atividades sociais produziram um dado evento. Os documentos históricos são tomados como pistas através das quais se tenta rastrear o momento desta invenção, os interesses que estavam na raiz de dados acontecimentos, os conflitos, e as contradições que levaram à sua emergência (ALBUQUERQUE JÚNIOR, 2007, p. 24).

A pesquisa bibliográfica e documental é de suma importância no entrecruzamento com a história oral para produção do conhecimento histórico sobre a produção do espaço urbano, diante do fato que “Toda narrativa é sempre inevitavelmente construção, elaboração, seleção dos fatos e impressões. Portanto, como discurso em eterna elaboração, a narrativa para a história oral é uma versão dos fatos e não os fatos em si” (MELHY, 2002, p. 50).

3 A IMAGEM DA CIDADE ENTRECruzADA ÀS BIOGRAFIAS HISTÓRICAS

O município de Três Barras está localizado na região Norte Catarinense, fazendo limites ao Norte com São Mateus do Sul e Antonio Olinto, ao Sul com Papanduva, a Leste com Mafra e a Oeste com Canoinhas e Major Vieira. Possui uma área territorial de 438 quilômetros quadrados, com uma população estimada pelo IBGE de 19.146 habitantes no ano de 2017. Uma extensa faixa de terra, correspondente ao município, foi doada por D. Pedro II à família Cordeiro denominada de “Posse do Canoinhas”. Logo após a Lei de Terras de 1850, a “Posse do Canoinhas” teve seu primeiro registro realizado por José Cordeiro dos Santos, em 31 de maio de 1856, com o número 400, no Registro de Terras de Rio Negro-PR. A referida Posse possuía área aproximada de 30 mil alqueires. Terras compreendidas à margem esquerda do rio Rio Negro, correspondentes ao município de Três Barras-SC, parte dos municípios de Papanduva-SC, Canoinhas-SC e de São Mateus do Sul-PR. A família Cordeiro chegou à região acompanhada com seus escravos e agregados. Devido aos ataques dos índios botocudos retornaram para Palmeira-PR. O Coronel João Pacheco dos Santos Lima firmou contrato com a família Cordeiro para exploração da Posse do Canoinhas.

O Coronel inicia uma série de atividades econômicas. Seus filhos, Leocádio e Pedro eram exportadores de erva-mate; posteriormente com Benvenuto e Luís Pacheco de Miranda Lima (meio irmão do Coronel), instalam casas de comércio em Três Barras e Canoinhas. Rivadavia, outro filho do Coronel, construiu uma olaria, assim como uma pequena serraria movida à água. Os conflitos fundiários decorrentes da exploração da “Posse do Canoinhas” somada às atividades econômicas da família passaram a contrariar os interesses econômicos dos empresários, que antes da sua chegada do Coronel mantinham monopólio do comércio da erva-mate e da madeira, na região de Rio Negro-PR. O Coronel foi assassinado, em 10 de julho de 1907, na sua residência, em Três Barras.

A modernidade se fez presente na região via capital transnacional, com a *Brazil Rawail Company*⁷, assumindo a construção da estrada de ferro São Paulo-Rio Grande e suas subsidiárias a *Brazil Development and Colonization Company*⁸, povoando as terras devolutas recebidas na construção da estrada de ferro e a *Southern Brazil Lumber and Colonization Company*⁹, instalando serrarias.

A atuação do grande capital, em torno da questão de terras é registrada na construção da ferrovia onde “A construção do ramal norte da estrada de ferro estava reproduzindo problemas sociais como grilagem e usurações, ocorridas anteriormente no vale do rio do Peixe. O início das operações da serraria Lumber, em Três Barras, aumentou a especulação voltada as terras e florestas da região” (MACHADO, 2004, 246).

Nesta outra referência, é possível identificar a relação dos coronéis com o capital transnacional:

Além de explorar as terras recebidas como doação pela ferrovia, a Lumber também adquiriu de particulares vastas extensões de pinheirais. Apenas a família Pacheco vendeu mais de 16 mil hectares de terras à Lumber, na região contestada de Três Barras. Os Pacheco tornaram-se capatazes da Lumber. Novamente ocorre um processo de expulsão de posseiros, desta vez, nos vale dos rios Negro e Iguaçu. Em outras situações, eram realizadas apenas contratos de corte com proprietários da região (MACHADO, 2004, 151).

A primeira delimitação do que viria a ser o espaço urbano tresbarrense está ligada à construção do ramal entre União da Vitória e São Francisco do Sul interligado a estrada de ferro São Paulo - Rio Grande¹⁰ pela *Brazil Railway Company*, por volta de 1910. A estação ferroviária de Três Barras foi inaugurada em 1913 e no seu entorno é estruturado o centro da cidade.

Três Barras, inserida neste contexto, para atrair, fornece recursos, e para manter a mão - de obra, implantou uma *company town* em Três Barras. Esta foi criada nas proximidades da estação ferroviária, com toda a infraestrutura necessária, que vieram por dar base para a atual configuração espacial urbana.

Foram projetados, tanto os espaços internos da serraria, como: casa das máquinas, almoxarifado, campo de futebol¹¹, escritório¹², armazém, cinema¹³, hospital¹⁴, casas residenciais, como os externos: cemitério, campo de aviação, traçado de ruas e quadras de Três Barras.

Visando atender às necessidades básicas de seus funcionários, foi construído um núcleo urbano, com aproximadamente 214 residências, nas proximidades da serraria. Algumas das residências¹⁵ dispunham de água encanada, energia elétrica, aquecimento central e água quente, provenientes das caldeiras, que moviam a serraria.

Através da *Brazil Development and Colonization Company*, que fazia parte do *holding Brazil Railway Company*, a *Lumber* promoveu a vinda de imigrantes, basicamente da Europa, destacando-se a Polônia¹⁶ e Ucrânia, para atuarem no setor agrícola. Estes se instalaram na Colônia Tigre, onde recebiam lotes. Desta forma a Colônia Tigre serviu de “celeiro” para a *Lumber*, com o abastecimento de produtos alimentícios para os funcionários da serraria. Todo este projeto da *Lumber* conduziu alterações nas atividades econômicas e sociais. Além de explorar os ervais nativos¹⁷, das terras recebidas, na concessão ou posteriormente adquiridas, a *Lumber* também comprava a erva-mate, de atravessadores locais, e, através de seus próprios ramais ferroviários, obtinha baixos custos de transporte, proporcionando-lhe vantagem sobre os empresários locais.

Após o processo de estatização da serraria *Lumber*,¹⁸ através da Portaria n.º 75.952, n.º RG 4252 de 19 de agosto de 1952, ocorre a transferência do patrimônio para o Ministério de Guerra. A área passa a pertencer ao Ministério do Exército, destinada à implantação de campo de instrução militar, dando origem ao CIMH - Campo Instrução Marechal Hermes.

A *MeadWestewaco Rigesa Celulose, Papel e Embalagens Ltda*,¹⁹ a partir de 1956 implanta, em Três Barras, o Departamento Florestal e, na década de 1970, a fábrica de papel e celulose, tornando-se um dos principais agentes de reorganização espacial.

Para dar início às atividades, inicialmente foram 1.016 hectares, que serviram de base para as operações florestais. A Divisão Florestal foi totalmente finalizada em 1958, iniciando com plantações de araucárias, porém, o lento crescimento dessa espécie levou no ano de 1964, à busca de outras opções, como o *pinus tarda* e o *pinus elliotti*, oriundos de sementes importadas dos Estados Unidos. O local escolhido para a construção da fábrica foi a Fazenda Volta Grande, à margem do Rio Negro, no ano de 1970, de propriedade da família Pacheco. No ano de 1974, aconteceu a inauguração da fábrica de papel. Nos anos de 1970 e 1980, a transnacional construiu três Vilas Operárias, nas proximidades da fábrica, para o pessoal envolvido nas operações. Estas Vilas Operárias chegaram a apresentar as características de *company town*,²⁰ uma vez que continham, além das moradias, os equipamentos urbanos essenciais, abrigando o pessoal ligado ao empreendimento.

3.1 Três Barras na memória dos entrevistados

O processo de legalização da “Posse do Canoinhas” pela família Pacheco é assim descrito nas memórias de Szczerbowski:²¹

Os Pacheco entraram aqui, em 1890 [...] Ele adquiriu toda essa área de terra pelos rios marcado. Quem tinha documento, escritura dos terrenos foi respeitado, quem não tinha escritura, os posseiros eram expulso ou então concordavam e ficavam pião deles. Da onde, que eles queimaram muita propriedade. Que tinha gente que já era posseiro de anos e não queria arrendar, daí ele mandava os pistoleiros rodeado de gasolina ou querosene e queimavam, e como matavam muita gente. Isso era o princípio dos Pacheco (SZCZERBOWSKI, 2014).

A estação ferroviária de Três Barras foi inaugurada em 1913, aonde viria a ser o centro da cidade. Atualmente, nela está instalado o Museu do Patrimônio Histórico Municipal de Três Barras. Sobre a importância da ferrovia para a cidade, temos o seguinte depoimento:

E até 1913, a exportação de madeira, o embarque de madeira, era tudo por meio de vapor. Descia até onde o rio Negro se encontra com o rio Iguçu. Lá subia e desembarcava a madeira no Porto Amazonas, que lá no Paraná já existia a estrada de ferro. Em 13 veio a estrada de ferro, já passando em Três Barras. Aí começou o transporte de madeira por ferrovia (SZCZERBOWSKI, 2014).

Ainda sobre os trabalhadores da ferrovia:

Meu pai era feitor da estrada de ferro. Ele cuidava da turma, mas ele ia cedo e pegava a turma, levava a bandeira, uns iam pro lado e outros pro outro, pra ver se não colocavam algumas coisas nos trilhos. Ele tinha cuidado pra não dar um desastre. Ele trabalhou 25 anos na estrada de ferro. Depois deu acidente, e ele pegou carona só na máquina, pra ir no acidente, porque não passava trem. Mais nada, ele caiu e se machucou e ofendeu a veia do coração. Ele perdeu a mente e foi aposentado, assim meio assim, sem muito direito. Naquele tempo não existia direito, te mandavam embora sem direito nenhum. Tinha que cuidar muito do serviço (BEDRECHUK, 2013).²²

A *Lumber*, além de explorar as terras recebidas na concessão, adquiriu outras, “*apenas a família Pacheco vendeu mais de 16 mil hectares de terras à Lumber em Três Barras*” (MACHADO, 2004, p. 143). Desta forma ela “chegou a somar ali 180 mil hectares, responsáveis pela constituição, em Três Barras, da então maior serraria da América do Sul” (AURAS, 1995, p. 100).

Sobre a exploração madeireira:

A *Lumber* também tirava muita madeira, então daí em “09” a *Lumber* veio aqui se instalar. Eles construíram primeiro pra serrar madeira, pra cobrir a serraria grande. Era maior engenho da América do Sul e segundo do mundo. Daí eles vieram pra explorar a madeira e colonizar. Primeira entrada da *Lumber* foi na Colônia Tigre. Depois, não sei que ano, daí entrou na Barra Grande, aí foram indo. [...] Lá no Tigre eles foram segunda vez lá. Primeira vez eles foram nas áreas de terra que foram loteada. Na segunda entrada eles foram pros fundo, pra frente. Lá onde está o Filco, aqueles loteamento lá é mais tarde. Depois meu avô comprou lá, pai de minha mãe, é mais tarde. E foi em torno de 1920, por aí, “23” (SZCZERBOWSKI, 2014).

Sobre os contrastes do espaço produzido pela serraria, pode-se constatar nas memórias a seguir:

Não existia luz antes, era um sofrimento. Somente no “quadro”. Sabe o que dizia quadro? Era dos chefes. Ali onde está o cinema, o cassino, chamavam aquela área tudo de quadro dos chefes. Eles moravam tudo por ali, os americanos. Ali tinha energia, tinha empilhação de madeira, tinha poste de iluminação. Em roda da serraria tinha energia; até perto do campo de futebol tinha energia da *Lumber*. No mais, foram disso daqui, ninguém tinha luz. Caldeira funcionava dia e noite. A água era bombada, acho que do Tigre. Diz que tinha muitas casas com água quente. Caldeira nunca parava. Eram 10 caldeiras quando *Lumber* trabalhava a pleno vapor. Parece que nos domingo, parava, a serraria parava, parece que era 10 horas. Eram caldeiras grandes. Eu conheci. Os pistão que tocava serraria tinha correia de 1,5 m de largura, 1200 hp, é o que tocava a força de energia, já era parece que de 1,20 de largura. Tinha mais de um gerador. E se estragasse tinha outro (SZCZARBOWSKI, 2014).

Os trilhos, dos ramais particulares, da serraria, que antes transportavam a madeira do mato para a serraria, deram lugar a muitas das estradas do perímetro urbano do município. “O centro de Três Barras foi criado pelos americanos, por isso temos os becos na cidade. Onde hoje é o quartel do CIMH –Campo de Instrução Marechal Hermes, antes era a sede da Serraria” (SZCZARBOWSKI, 2014), ou ainda:

A estrada, a maioria era por onde passava os trilhos da *Lumber*. Assim eu me lembro ali onde era o Oker agora, a Autoelétrica, ali era a linha. Nós vinha da escola, eu era criança, eu tinha uns 10, 11 anos, nos vinha da escola pela linha, até a antiga Oker e nós subia essa rua aqui. Era uma estradinha e ia no Savinski, que era meu tio. Eu parava ali um tempo, quando ia pra escola. Então era linha ali onde é a auto eletro do Zé Neto, ali tinha um rancho que era do Tamanduá. Tinha um ranchinho, ele parava com o vagonete que desembarcava e ia empurrando, levava as ferramenta da *Lumber*. Nós vinha pela linha do trem, subia pela estradinha até aqui. Não tinha rua como hoje (PAITER, 2014).²³

Em outras memórias é revelada a mesma situação:

Eu vim com uns 6 anos, para o Km 6, mais ou menos, de lá da Argentina (Bairro). Aqui era muito diferente, só mato, nem tinha nada. Casa aqui era só minha, do tio e dos Bene a par da estrada [...]. A linha passava assim, (demonstra com as mãos como supostamente a linha passava) ai tinha um boeiro fechado. A *Lumber* saia lá de Três Barras e a linha passava por aqui também. Bem, bem no começo ainda a linha vinha antes lá adiante do trevo. Campininha (localidade do interior) tinha um estradinha que saia lá do Dois (bairro) e por lá que ia para Três Barras. E aqui, também tinha. Depois que a linha saiu, fizeram uma estrada quando tiraram os trilhos, na linha, para as máquinas passar. A estradas antigamente era bem diferente. Embaixo era da *Lumber*, entrava ali e saía lá na prefeitura, lá na garagem. [...] Agora, as pessoas foram comprando e mudando tudo. A *Lumber* quando tinha os trilhos, aqui, ela só tirava as madeiras, não era dela os terrenos (MILLER, 2014).

Outra área ocupada pela *Lumber* foi destinada ao núcleo urbano que corresponde ao atual Loteamento Zilda Pacheco, na época conhecido como Bairro Argentina. Quando da enchente ocorrida por volta de 1920, houve a necessidade de um novo planejamento que levou a transferência de diversos estabelecimentos. Este fato é assim descrito: “daí deu uma enchente muito grande. Pegou água nas casas onde nós morava. [...] ele disse que ficou ruim ali e ele disse assim:- vou dar outra casa para vocês lá no acampamento. Foi lá onde ganhei a Fátima” (BOAVA, 2014).

A reconstituição da produção do espaço urbano, no que concerne ao comércio é encontrada nas trajetórias de vida dos seus moradores:

Meus pais, eles moravam, bem ali, naquela primeira rua, lá da ponta. Era casa de uma madrinha minha. Eles alugaram e moraram um tempo ali e depois construíram a casa deles ali, na outra rua, na central, bem de frente à igreja, onde agora é do filho do Edson. Ali era a casa do papai. Ele era sapateiro. Tinha sapataria, fabricava tudo, bota, sandália, chinelo. Tinha os que aprendiam com ele e os que já sabiam trabalhar e trabalhavam junto porque tinha mais gente trabalhando (SUITCK, 2014).²⁴

A presença de imigrantes europeus, sendo em maior número de ucranianos e poloneses, foi decorrente da imigração de colônias vizinhas, atraídos pela oferta de trabalho da serraria *Lumber*.

Meus pais vieram lá de Marechal Malé, do Paraná, pra trabalhar. Eram ucranios, mais o pai. A mãe, era mais polonesa, o sobrenome dela era *Robakeviski*. E o pai era Sava. Vieram por causa do serviço. Naquele tempo tinha a *Lumber* e outras fábricas de madeira, sepilhadeira. Eram grande, tudo coisa grande, tinha muita gente morando aqui (SUITCK, 2014).

Em outra entrevista, constata-se:

Pai é polaco, porque ele é da Polônia, lá da Europa e a minha mãe é ucraniana. Ela nasceu no Brasil e o pai na Europa. O pai não é brasileiro. Ele tinha quase cinco anos quando veio de lá, da Polônia. Ele é polaco mesmo, mas falava ucraniano mesmo. Eles morava, lá no Paraná. Vovó morava lá. Papai pegou casa do vô. Quando eu era pequena eu fui lá. Com cinco ou seis anos daí nós viemos de lá. Eu sou do Paraná (PAITER, 2014).

No ano de 1920, nos registros de Santa Catarina aparecem 250 famílias residindo em colônias, 200 espalhadas pela região e 50 nas cidades. Em comparação com as demais colônias, Três Barras ocupava o terceiro lugar no número de famílias, em segundo lugar no número de poloneses dispersos na região, e em primeiro lugar no número de poloneses que viviam na cidade (GLUCHOWSKI, 2005). Nas proximidades do centro urbano, foi criada a Colônia Tigre para alocar estes imigrantes. Ela representou a primeira “entrada” mata adentro pelos trilhos da serraria para extração de madeira. Sobre a realidade da Colônia:

Eu nasci aqui (Três Barras) e não sei com que idade eu fui pra lá (Colônia Tigre), daí com 13 anos nós voltamos pra cá, (Vila Nova). O meu pai fez escritura do terreno pra todos nós [...]. E foram vendendo e todo mundo vendeu. Mas é que as famílias envelheceram e os jovens vão ficar na lavoura fazendo o que? Foram se mandando também. Hoje se ficou alguém, o mínimo. Porque hoje os colonos também têm seus direitos, sua aposentadoria e antes não tinha. Ninguém queria ficar na lavoura (PAITER, 2014).

No que tange a relação educação e imigrantes, na época, as escolas polonesas no Brasil, estas estavam divididas em escolas de Cultura da “Oswiata” (Educação) e isoladas. Em Três Barras, no início de 1924, a escola contava com 56 alunos poloneses, sendo 35 masculinos, 21 femininos e 36 alunos de outras nacionalidades, perfazendo 92 alunos matriculados (GLUCHOWSKI, 2005).

Para Auras (1997, p. 42), na circunvizinhança da serraria “formou-se uma pequena cidade, na qual, todos os anos, a 4 de julho, via-se flutuar bandeiras estreladas dos Estados Unidos”, no âmbito interno da *Lumber*. Percebe-se a influência norte americana presente na cidade. De acordo com Szczerbowski, (2014), seu pai contava como o avô preparava o poteiro de sua propriedade na Colônia Tigre, para a festa de 4 de julho, ali realizada, onde participam os “chefes” da *Lumber*. Seu avô Luis Szczerbowski²⁵, teve seus primeiros implementos agrícolas trazidos da Eslováquia. Formou um pomar com sementes importadas, produzindo frutas e verduras de excelente qualidade. Foi um

autêntico empreendedor. Instalou na Colônia Tigre um gerador elétrico e um moinho colonial movido com força hidráulica para moer trigo, centeio, milho, tafona de farinha de mandioca e polvilho, descascador de arroz, picador de palha. Teve ainda um apiário e uma fábrica de cigarros com as marcas Rio Tigre e Três Barras. Como fotógrafo deixou registros de datas e localização espacial, oferecendo a possibilidade de reconstituição dos acontecimentos históricos.

Para aquelas famílias que acompanhavam os trabalhadores da serraria *Lumber*, no corte da madeira nas florestas temos as seguintes recordações: “Daí trouxeram nossas mudanças dos Carijó para o Paiol Véio. Daí eles colocavam viga e ponham em cima dos vagão as casas. E cada família tinha sua casa dentro disso. Eu fiquei e acompanhei meu pai, lá nisso também. Daí aqui já tinha os guardião e passavam as chaves nas casas dos trilhos” (BOAVA, 2015).

De origem espanhola, Dona Sybila²⁶ passou a morar em Três Barras quando casou com o polonês Francisco Gemra. No início, morou no acampamento da serraria *Lumber* chamado de Caldeirinha, que ficava perto da ponte da estrada de ferro. Seu marido trabalhava na empilhação da madeira, fazendo as anotações. Recorda do armazém da serraria *Lumber*, da fatura, opções de produtos e da crise no final das atividades da serraria. “Nós comprava no armazém da *Lumber*. Era grande. Tinha de tudo, mas na época que não tinha pagamento, era racionado. Ali pra fornecer, tinha os dia de vale, onde cada um levava os carrinho de quatro roda. Na frente do armazém eram muitos carrinhos. Mas na crise era pouco, mas quando terminou era uma miséria” (GEMRA, 2015).

Sobre os valores e formas de pagamentos da serraria Dona Sybila relata: “Quando foi para nos casar ele tirou 30 real de vale. Daí ele tirou aqueles 30 real, eu abasteci a casa por dois meses, comprei chaleira, panela, tudo o que não ganhei no casamento” (BOAVA, 2015). Sobre o atendimento médico da época, ela registra:

Hospital, nós tinha os do militar, que era da *Lumber*, ainda. Então ali nós era atendido. E a farmacêutica era a Dona Marta, se não me engano. Uma boa farmacêutica. Geralmente consultava fora de hora, ela que dava remédio e vendia, tipo médica também. Caso grave eles atendiam no hospital, mas geralmente eram mandado para Canoinhas. Coisa mínima era aqui, por causa dos operários da *Lumber*. Era muito operário. Era sofredor aqueles homens, derrubar pinheiro na serra, no muque (BEDRECHUK, 2013).

Havia o trabalho do boticário: “Meu pai era farmacêutico, homeopático. Ele trabalhou trinta e poucos anos. Naquele tempo, tinha liberdade. Então a Almeida Cardoso mandava remédio pra ele, mandava aquela caixinha com 20, 30 e poucos remédio, quantia e mandava o livreto, pra que servia o remédio” (BEDRECHUK, 2013).

Com o fim das atividades da serraria *Lumber* na década de 1950, inicia-se uma fase de estagnação econômica em Três Barras. Os trabalhadores da serraria passaram por muitas necessidades:

Teve uma época que ficaram sem receber, para mim não, porque meu pai trabalhava, mas daí o sargento deu jeito e pagou daquele tempo que ele trabalhou. Dos 7 anos, que ele trabalhou na *Lumber*, ele ganhou 7 mil. Eles indenizaram a gente. Ficavam 1 ano, 1 ano e pouco, sem salário. Daí tinha gente que tinha que dar abóbora para os filhos comer. Eu, graças a Deus, não (BOAVA, 2015).

A migração foi uma realidade da época: “Depois quando fechou, que terminou o serviço, o pessoal foi embora daqui, muitos foram pra Curitiba, outros não se sabe pra onde” (SUITCK, 2014).

Dona Sybila descreveu a passagem do candidato a presidente da República Juscelino Kubitchek, quando os funcionários da *Lumber* foram reivindicar uma solução para a falta de pagamento e término de suas atividades.

O pessoal combinou em ir pedir socorro para ele. Que ele ache uma solução pra nós. Então, era parece uma jagunçada, de tamanco, de sapato furado, bem maltrapilho. Não tinha condição de comprar. Eu achei que o candidato não ia dar atenção, achar que eles eram jagunços, mas, não, ele desceu e deu atenção para todos. Cada uma contava uma coisa, da miséria que estavam passando. Ele foi eleito e já mandou um representante do Rio de Janeiro pra resolver a situação. Quem tinha idade, podia se aposentar e os novo podiam ficar trabalhando para Ministério do Exército. Os que não queriam eram indenizado na forma da lei (GEMRA, 2014).

No período da passagem da crise da serraria *Lumber*, D. Sybila plantava para ajudar em casa. “Nós plantava nos “25”. Eles davam para plantar, atrás da linha. Eu cansei de levar as crianças pequena, em sexto pra roça. E nós ia carpir a roça. Isso depois do serviço. Às vezes grávida. Depois ficou terra vaga, na Bombinha, quando as pessoas começaram a sair de lá e nós íamos lá plantar. Dava uma lavoura bem grande” (GEMRA, 2014).

O marido de D. Boava, como muitos dos trabalhadores da serraria *Lumber*, passou a trabalhar na Rede Ferroviária. Sobre a construção das casas da Rede Ferroviária, localizadas no centro de Três Barras, próximas à linha férrea, Dona Leonor (2015), recorda que cada família era responsável pela construção do poço e cerca da sua propriedade. Nas folgas do marido ele cortava a madeira e ela apontava as ripas para a cerca. Passava medo com as crianças próximo ao poço, ou mesmo sofria com os animais dos vizinhos que viviam solto, sujando a água do tanque, antes deles cercarem o terreno (BOAVA, 2015).

Enquanto algumas pessoas buscavam outras alternativas de trabalho, o imigrante Gebrael Boulos El Kouba,²⁷ acreditou no desenvolvimento do município num período de estagnação econômica:

Todo mundo dizia: está louco, comprar aqui, porque aqui tá acabando. De fato Três Barras estava se acabando, quando a *Lumber* fechou e ficou o Campo Militar. Então não tinha o que fazer aqui em Três Barras. Todo mundo desertava e ia embora. Quando era pra passar município, eles diziam: De fato, Major Vieira pode passar município, tem, pode carregar um caminhão de feijão se quiser, aqui em Três Barras o que vão carregar? Não tem nada. Não pode passar município. Sorte de Três Barras foi a vinda da Rigesa que substituiu a *Lumber* e melhorou” (EL KOUBA, 2014).

A evolução da cidade aparece em diferentes relatos: “Era daquele jeito, posto de gasolina, eu nem me lembro como que era. Bem no começo, tinha ali, em frente do seu Natal em Três Barras, que era do seu Pedro. Uma bombinha, só, nem tinha nada, só que era bom” (MILLER, 2014).

Gebrael (2014) relata sobre o primeiro posto de gasolina do município, do qual foi proprietário:

Eu fiquei 13 anos no posto Ipiranga. Nunca deixava com empregado. Eu que abria. Abria às 6 horas e fechava às 10 horas da noite. A chave ou comigo ou com minha mulher, nunca com empregado. Foi o primeiro posto de Três Barras. Antigamente vinha de comboio e vendiam por aqui. O Pedro Mery Selleme tinha a Casa Central. Ele trazia a gasolina de fora, de Itajaí, e vendia aqui de caminhão (EL KOUBA, 2014).

Ainda sobre a evolução no setor de transportes:

Quando o trem passageiro passava por Três Barras, passava às onze da manhã e às cinco da tarde, então eu chegava nas janelas do trem e vendia banana pra eles. Eles compravam uma banana, duas. Naquela época era tostão, depois passou para mil reis, depois veio cruzeiro. Depois disso eu ganhei uma bicicleta, então carregava uma

caixinha na bicicleta e ia vender, era mais fácil de correr, andar pela rua. Depois comprei uma carroça, vendi banana muitas vezes de carroça. Depois de 10 anos mais ou menos, comecei a puxar banana de vagão. Daí me estabeleci em 1954, abri firma e dei nome de GEBRAEL BOULOS ELKOUBA que ficou até passar para meus filhos, depois de 40 anos, hoje a transportadora El Kouba (EL KOUBA, 2014).

Com a chegada da transnacional Rigesa, a produção espacial urbana sofreu nova configuração. A primeira gleba de terras, no centro da cidade, foi negociada com as famílias Pacheco e Tabalipa, em 1956.

Eu me lembro da Rigesa quando vieram plantar pinus, compraram terreno dos Sherman. A *Lumber* eu já conhecia tudo. Era um colosso, uma bênção aquilo lá. Essa rua que desce aqui, a rua dos cachorro, estava cheio de casario deles e outra por baixo. Eu me lembro era tudo puxado à máquina, a fogo. Não era trator, era tudo máquina por trilho, ia nos mato, com trenzinho. Batalhão. E a Rigesa, a mesma coisa, começo, só não me lembro o ano. Primeiro ele vieram, plantaram pinheiro pra depois de uns anos construir a fábrica. Deixaram, formado, pra ver se a terras aceitava o pinus e então, depois, demoro pra eles construir a Rigesa (BEDRECHUK, 2013).

Em 1974, foi inaugurada a fábrica de papel, da Rigesa, que produz papel kraftliner de fibra virgem em várias gramaturas. Além de suprir as demais fábricas de embalagens da Rigesa, essa fábrica atua no mercado internacional. Félix Damaso da Silveira,²⁸ abordou sobre as mudanças nos meios de transporte decorrentes da presença da multinacional. Houve a necessidade do táxi, quando da abertura de estradas para o atual bairro João Paulo II, na época da implantação da escola de ensino técnico e de transporte de ônibus para os estudantes. Todo o transporte e as estradas foram modificados com a circulação dos caminhões de madeira para a fábrica, e da saída de caminhões com as bobinas de papel para outras cidades.

As transformações são, ainda, reveladas nas memórias da Dona Lydia.²⁹ Ela foi cozinheira dos funcionários de corte da madeira e morou com seu esposo até sua aposentadoria, por anos, na Fazenda Schwartz da Rigesa, a qual faz parte da área de preservação ambiental.

Com o Done, da Bueno, ele trabalhou não sei, parece que dois ou três anos, depois transferiram ele pra Rigesa. Depois, ele ficou só de guardião. Depois que viemos morar para cá, ficamos no paredão, eu trabalhei fora. Era cozinheira lá no Paredão (morada dos trabalhadores no setor florestal). Lá eu cozinhava para o pessoal. Lá, o Paredão, a Rigesa comprou dos Pacheco, a morada do Pacheco. Eu cozinhava, cozinhei pros homens, quatro ano. Era quando a Rigesa estava instalada e os homens faziam os desbastes. Eles começaram a fazer esse desbaste, daí que fizeram esse alojamento. Gente era conforme o mês e o ano. Uma vez tinha sessenta homem, de sessenta homem ficou, só parece que quarenta. Os de longe não queriam ficar lá porque não era firma, que nem dizem. Pagava muito pouco e o serviço era pesado. Eles limpavam, derrubavam as árvores. Eu morava lá. Eu tive seis filhos, só dois homem e quatro mulher (CHIKALSKI, 2014).

Quanto à área central da cidade, onde “concentram-se as principais atividades comerciais, de serviços, da gestão pública e privada, e os terminais de transportes inter-regionais e intra-urbanos” (CORREA, 1989, p. 38). Esta área foi sofrendo um crescimento espacialmente descentralizado, através dos agentes sociais com suas estratégias de ação, ou seja, dos proprietários dos meios de produção (Rigesa), em consonância com os proprietários fundiários locais.

No que concerne ao processo produtivo da Rigesa, este interferiu de forma intensiva no espaço urbano, visto que, tanto a matéria prima (madeira), como o produto final (papel), tiveram fluxo de circulação na área urbana da cidade devido à localização da fábrica.

A produção do espaço urbano ocorreu através da *company tow* dos dois grandes empreendimentos industriais.

O acelerado crescimento populacional, decorrente dos novos investimentos de capital no município, contribuiu para o início de uma nova fase de crescimento, tanto nos aspectos econômicos, como de ordem social. Neste aspecto, Três Barras possuía em 1960, época em que as atividades da transnacional estavam voltadas ao Departamento Florestal, a população de 4.114 habitantes. Quando iniciaram as primeiras atividades da fábrica em 1970, a população somava 6.411 habitantes, de acordo com o Instituto Brasileiro de Geografia Estatística (IBGE). A tabela 01 permite observar que após uma década da instalação da indústria, a população passou para 11.346 habitantes. Este crescimento refletiu na área urbana com um acentuado adensamento populacional.

Tabela 01 – Evolução demográfica do município de Três Barras -1960-2000

	Total	Urbana	%	Rural	%	Sede	Distrito
1960	4.114	1.608	25,9	2.506	60,9	1.608	*****
1970	6.411	2.001	31,2	4.410	68,7	2.001	*****
1980	11.346	5.453	48,0	5.893	51,9	5.453	*****
1991	15.606	12.458	79,8	3.148	20,1	6.139	6.319
1996	16.774	13.419	79,9	3.355	20,0	6.474	6.945
2000	17.120	14.226	83,0	2.894	16,9	6.987	7.239

Fonte: IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística

Quanto à distribuição da população no município em termos de porcentagem, a população urbana respondia em 1970 por 30,9% da população total e a rural 69,1%. Depois de duas décadas, aconteceu uma inversão nestes números: a população urbana passou a ser da ordem de 79,9 % e a rural 20,1%. No ano de 2000, 83,1% da população residia na área urbana e 16,9% na área rural do município. Estes dados comprovam as informações dos entrevistados no que concerne à evolução populacional, decorrente da presença do capital transnacional no município.

4 CONCLUSÕES

A análise demonstrou que, foi a partir do projeto criado pela serraria *Lumber* para sua *company town* que o centro tradicional da cidade de Três Barras foi sendo ordenado. As edificações foram sendo construídas, suas formas permaneceram assumindo funções diferenciadas no decorrer dos anos.

Quanto à *company town* da Rigesa, esta direcionou a localização dos atuais bairros e loteamentos da cidade em seu entorno, ora criados de forma espontânea, ora de forma planejada. A mobilidade residencial dos moradores das vilas operárias foi marcante para a formação destes novos espaços.

As alterações no espaço urbano representam, sem dúvida, a expressão concreta da economia madeireira na cidade. Elas respondem às necessidades da sociedade relativa à atividade da materialização do capital transnacional. As formas de produção da transnacional estão refletidas no espaço, tanto nos tempos remotos como nos atuais.

A trajetória de vida dos entrevistados acompanhou a evolução da cidade no decorrer dos anos. As alterações no modelo produtivo local estiveram presentes no cotidiano familiar. As informações sobre a cidade produzidas possibilitaram identificar o impacto colonizador, quanto à legalização da posse de terras, bem como do grande capital na cidade. Aspectos relacionados à infraestrutura urbana (transporte, moradia, educação, saúde, lazer), puderam ser identificados nos relatos, que, entrecruzados com outras fontes documentais, completaram lacunas na análise da produção espacial urbana da cidade de Três Barras.

Os resultados preliminares vêm sendo divulgados no jornal local, de tiragem mensal, numa coluna intitulada “Lembranças de Três Barras”, bem como no jornal online

(<http://gazanortesc.com.br/>). Esta produção tem atraído os leitores locais que demonstram interesse pela temática da memória histórica, indicando possíveis entrevistados.

Nesta fase, transcendemos o trabalho do pesquisador, contribuindo para a estruturação da identidade do entrevistado. “E estamos realmente transformando a personalidade do outro, porque estamos lhe dando a possibilidade de adquirir uma identidade histórica, uma identidade pessoal do seu próprio processo histórico” (VILANOVA, 1994, p. 66). Outro fator relevante tem sido a reação dos familiares dos entrevistados. Em diferentes entrevistas foi possível constatar por parte de filhos e netos a valorização dos sujeitos entrevistados. Suas histórias de vida passaram a ser percebidas como algo relevante para a cidade.

Pretende-se dar continuidade às entrevistas com ênfase para as localidades interioranas do município, com objetivo de investigar a genealogia da posse de terras na região de Três Barras-SC e os conflitos fundiários, relacionando com a adesão sertaneja no movimento do Contestado.

Algumas das entrevistas semiestruturadas, citadas neste artigo, foram editadas e estão disponíveis no site www.ecosdocontestado.com.

NOTAS

* Docente da UnC- Universidade do Contestado-Campus Porto União. Mestre em Geografia (UFPR), Especialista em História do Brasil (FAFIUV) e Graduada em História (FAFIUV).

¹ Sobre produção do espaço urbano ver: CORRÊA, R. L. **O espaço urbano**. São Paulo: Ática, 1989. (Série Princípios); LEFEBVRE, H. **O direito à cidade**. Tradução: T.C. Netto. São Paulo: Documentos, 1969; VILLAÇA, F. **Espaço intra-urbano no Brasil**. São Paulo: Nobel/FAPESP, 1998.

² Sobre biografia política ver: RÉMOND, René. **Por uma história política**. 2. ed. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2003.

³ Sobre micro-história ver: VAINFAS, Ronaldo. **Os protagonistas anônimos da história: micro-história**. Rio de Janeiro: Campus, 2002.

⁴ Sobre a história do tempo presente ver: HARTOG, François. **Regimes de historicidade: presentismo e experiências do tempo**. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2014. KOSELLECK, Reinhart. **Futuro passado: contribuição à semântica dos tempos históricos**. Rio de Janeiro: Contraponto, Ed. PUC-RJ, 2006. VARELLA, Flávia F. et al. (Org.). **Tempo presente & usos do passado**. Rio de Janeiro: FGV, 2012.

⁵ Leonor Crecêncio Boava, nascida em 22 de junho de 1935 é viúva de Victor Boava. Seu esposo trabalhou na serraria Lumber, acompanhando o processo final das atividades da serraria no município.

⁶ Teodoro Max Muller, nasceu em Três Barras, no ano de 1930. Trabalhou na Rigesa e acompanhou o processo de formação de loteamento e bairros da cidade.

⁷ Fundada pelo empreendedor norte-americano Percival, em 12/11/1906, nos Estados Unidos. Sobre seus investimentos ver: GAULD (2006).

⁸ Sobre a temática ver: VALENTINI (2009), LIMA (2007), TOMPOROSKI (2013).

⁹ Usaremos neste artigo a expressão popular “serraria Lumber” quando nos reportarmos à *Southern Brazil Lumber and Colonization Company*.

¹⁰ Ver sobre a construção da estrada de ferro: THOMÉ (1983); QUEIROZ (1981); MACHADO (2004).

¹¹ Foi um dos primeiros campos de futebol com sistema de drenagem da região sul do Brasil. O mesmo foi denominado “Estádio Artur Ferreira Ribas”, inaugurado em 1918.

¹² Atualmente o espaço serve de escritório da sede do CIMH- Campo de Instrução Marechal Hermes.

¹³ O cinema fez parte da história, de Três Barras, através de várias gerações. Com o término das atividades da *Lumber* ele continuou em funcionamento até o início da década de 1980, sob controle do CIMH-Campo de Instrução Marechal Hermes.

¹⁴ Além do hospital, existia a farmácia, que oferecia medicamentos com desconto em folhas de pagamentos. No Museu Municipal de Três Barras é possível analisar, em livros da época, consultas, doenças e medicamentos receitados aos trabalhadores.

¹⁵ Algumas dessas residências assumiram funções diferenciadas como escritórios, refeitórios e residências dos militares no Campo de Instrução Marechal Hermes (CIMH), ali instalado, após a transferência do patrimônio da *Lumber*, o Exército brasileiro.

¹⁶ Três Barras chegou a contar com uma escola polonesa, no local que corresponde atualmente ao Clube Sociedade Operária, no centro da cidade.

¹⁷ Análise realizada por TOMPOROSKI, Alexandre. **O pessoal da Lumber:** um estudo acerca dos trabalhadores da *Southern Brazil Lumber and Colonization Company* e sua atuação no planalto norte de Santa Catarina, 1910-1929. Dissertação de Mestrado, UFSC, 2006.

¹⁸ Sobre a questão ver: LIMA, Soeli Regina; TOMPOROSKI, Alexandre (Orgs.). **Ecos do Contestado:** da serraria *Lumber* ao Campo de Instrução Marechal Hermes –CIMH. Palmas: Kaigangue, 2017. Disponível em: <https://issuu.com/kayganguedocs/livro_ecos_do_contestados ftp>. Acessado em: 05 maio de 2018.

¹⁹ A Rigesa é subsidiária da *MeadWestvaco Corporation* e atua há 64 anos no Brasil. O embrião da Rigesa surgiu em 04 de agosto de 1942, em Souza, Distrito de Campinas no interior de São Paulo. “A Fábrica de Papelão Campinas, hoje Rigesa, foi fundada por Aldo Foresi, Jasper Bresler, a família Gerin e a McHardy manufatureira como sociedade comercial em comandita simples” (RIGENEWS, 2002, p.8). De início teve o nome de Fábrica de Papelão Campinas, posteriormente passou para Gerin Foresi & Cia e suas instalações mudaram para Valinhos. A empresa norte-americana Westvaco Corporation, adquiriu a Rigesa em 09 de junho de 1953, mudando o nome para Rigesa Celulose, Papel e Embalagem S.A., passando a distribuir estrategicamente suas filiais pelo país. Atualmente a Rigesa faz parte da WestRock.

²⁰ Sobre *company towns* em Três Barras ver: LIMA, Soeli Regina. **Capital transnacional na indústria da madeira:** *company towns* e a produção do espaço urbano em Três Barras-SC. Dissertação de Mestrado. UEPR, 2007.

²¹ Neto do fotógrafo Luis Szczerbowski, Alvino Szczerbowski, nasceu em 1938, é um dos herdeiros proprietários de terras adquiridas pelo avô no início do século XX. Seu pai nasceu em 22 de março

de 1912, em Curitiba. Tinha em torno de 3 meses de idade quando o avô mudou residência para Três Barras.

²² Salvador Bedrechuk, de descendência polonesa e ucraniana, nascido no município de Canoinhas, passou a residir em Três Barras após o casamento.

²³ Martha Hoinaski Paiter, nascida em Três Barras no ano de 1939. De descendência polonesa e ucraniana é professora aposentada das séries iniciais do Ensino Fundamental.

²⁴ Lydíia Sava Suitck, nascida em Três Barras no ano de 1928, é de origem ucraniana. Seus pais migraram de Mallet-PR, em busca de trabalho na serraria *Lumber*.

²⁵ Ver: LIMA, Soeli Regina; TOKARSKI, Fernando. Tributo a Szczerbowski. IN: VALENTINI, Delmir, José; RODRIGUES Rogério Rosa (Orgs.). **Contestado**: fronteiras, colonização e conflitos (1912-1914). Porto Alegre: Letra & Vida, 2014a, p.158-171 e O acervo fotográfico de Luís Szczerbowski: fragmentos da memória. IN: **Revista memória em rede**. v.8, n.14, Jan./Jun.2016, p.169-175. Disponível em: <<http://dx.doi.org/10.15210/rmr.v8i14.6863>>. Acesso em: 14 fev. de 2015.

²⁶ Sybila Montes Ribas Gemra, nascida em 12/06/193, mudou residência da Lapa-PR para Três Barras quando casou-se com Francisco Gemra, que trabalhava na serraria *Lumber*.

²⁷ Gebrael Boulos El Kouba migrou do Monte Líbano, República do Paquistão, para Três Barras, no ano de 1951, aos 22 anos de idade.

²⁸ Felix Damaso da Silveira passou a morar em Três Barras, com seu irmão, quando do início das atividades da Rigesa. Atuou na rede de transporte sendo o proprietário da primeira linha de táxi e de transporte escolar do município.

²⁹ Lydíia Jientara Chikalski, nascida no ano de 1929, mudou com o esposo e filhos para Três Barras, no início das atividades da Rigesa.

REFERÊNCIAS

ALBERTI, Verena. **Manual de História oral**. 2 ed. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2004.

ALBUQUERQUE JÚNIOR, Durval Muniz de. **História**: a arte de inventar o passado: ensaios de teoria da História. Bauru, SP: Edusc, 2007.

AURAS, Marli. **A guerra sertaneja do Contestado**: organização da irmandade cabocla. Florianópolis: Cortez, 1995.

BOSI, Ecléa. **Memória e Sociedade**: lembranças de velhos. 11 ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.

CASTELLS, M. **A questão urbana**. Tradução: Arlene Caetano. São Paulo: Paz e Terra, 2000. (Coleção Pensamento Crítico, v. 48).

CORRÊA, R. L. **O espaço urbano**. São Paulo: Ática, 1989. (Série Princípios).

DOSSE, François. **O desafio biográfico**: escrever uma vida. Trad. Gilson César Cardoso de Souza. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2009.

GAULD, Charles A. **Farquhar o último Titã**: um empreendedor americano na América Latina. Trad. Eliana Nogueira do Vale. São Paulo: Editora de Cultura, 2006.

GLUCHOWSKI, Kazimierz. **Os poloneses no Brasil**: subsídios para o problema da colonização polonesa no Brasil. Trad. Mariano Kawka. Porto Alegre: Rodycz & Ordakowski Editores, 2005.

HARTOG, François. **Regimes de historicidade**: presentismo e experiências do tempo. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2014.

KOSELLECK, Reinhart. **Futuro passado**: contribuição à semântica dos tempos históricos. Rio de Janeiro: Contraponto, Ed. PUC-RJ, 2006.

LEFEBVRE, H. **O direito à cidade**. Tradução: T.C. Netto. São Paulo: Documentos, 1969.

LE GOFF, Jacques. Documento/monumento. IN: ROMANO, Ruggiero (Dir.) **Memória-História**. Enciclopédia Einaudi, vol. I. Lisboa: Imprensa Nacional - Casa da Moeda, 1996.

LIMA, Soeli Regina. **Capital transnacional na indústria da madeira**: *company town* e a produção do espaço urbano em Três Barras (SC). Dissertação de Mestrado, Curitiba: UFPR, 2007.

LIMA, Soeli Regina. O acervo fotográfico de Luís Szczerbowski: fragmentos da memória. IN: **Revista memória em rede**. v.8, n.14, Jan./Jun.2016, p.169-175. Disponível em: <<http://dx.doi.org/10.15210/rmr.v8i14.6863>>. Acesso em 14/02/2015.

LIMA, Soeli Regina; TOKARSKI, Fernando. Tributo a Szczerbowski. IN: VALENTINI, Delmir, José; RODRIGUES Rogério Rosa (Orgs.). **Contestado**: fronteiras, colonização e conflitos (1912-1914). Porto Alegre: Letra & Vida, 2014a, p.158-171.

LIMA, Soeli Regina; TOMPOROSKI, Alexandre (Orgs.). **Ecos do Contestado**: da serraria *Lumber* ao Campo de Instrução Marechal Hermes –CIMH. Palmas: Kaigangue, 2017. Disponível em: https://issuu.com/kaygangue/docs/livro_ecos_do_contestados_ftp Acessado em 05/05/2018.

MACHADO, Paulo Pinheiro Machado. **Lideranças do Contestado**: a formação e a atuação das chefias caboclas (1912-1916). Campinas-SP: UNICAMP, 2004.

MELHY, José Carlos Sebe Bom. **Manual de História oral**. 4 ed. São Paulo: Edições Loyola, 2002.

NORA, Pierre. Entre Memória e História: a problemática dos lugares. In: **Projeto História**. São Paulo: PUC, n. 10, pp. 07-28, dez. 1993.

PORTELLI, Alessandro. **Ensaio de História oral**. Trad. Fernando Luiz Cássio e Ricardo Santhiago. São Paulo: Letras e Vozes, 2010. (Coleção Ideias).

QUEIROZ, Maurício Vinhais de. **Messianismo e conflito social**: a guerra sertaneja do Contestado: 1912-1916. São Paulo: Ática, 1981.

RÉMOND, René. **Por uma história política**. 2. ed. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2003.

RIGENEWS. **Jornal dos funcionários da Rigesa**. n.º 36, p. 4, dezembro, 2002.

SPOSITO, M. E.B. **O chão em pedaços: urbanização, economia e cidades no Estado de São Paulo**, 2005. Tese (Livre-docência). Faculdade de Ciências e Tecnologia de Presidente Prudente, FCT/UNESPa.

THOMÉ, Nilson. **Trem de ferro: a ferrovia no contestado**. Florianópolis: Lunardelli, 1983.

THOMPSON, Paul. **A voz do passado: história oral**. 2 ed. Rio de Janeiro-RJ: Paz e Terra, 1998.

TOMPOROSKI, Alexandre Assis. **O pessoal da Lumber: um estudo acerca dos trabalhadores da Southern Brazil Lumber and Colonization Company e sua atuação no planalto norte de Santa Catarina, 1910-1929**. Dissertação de Mestrado, UFSC, 2006.

TOMPOROSKI, Alexandre Assis. **O polvo e seus tentáculos: a Southern Brazil Lumber and Colonization Company e as transformações impingidas ao planalto contestado (1910-1940)**. Tese (Doutorado em História). Universidade Federal de Santa Catarina. Florianópolis, 2013.

TRIVINÕS, Augusto Nivaldo Silva. **Introdução à pesquisa em ciências sociais: a pesquisa qualitativa em educação**. São Paulo: Atlas, 1987.

VAINFAS, Ronaldo. **Os protagonistas anônimos da história: micro-história**. Rio de Janeiro: Campus, 2002.

VALENTINI, Delmir José. **Atividades da Brazil Railway Company no Sul do Brasil: a instalação da Lumber e a guerra na região do Contestado (1906-1916)**. Tese (Doutorado em História) – PUC do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2009.

VARELLA, Flávia F. et al. (Org.). **Tempo presente & usos do passado**. Rio de Janeiro: FGV, 2012.

VILANOVA, Mercedes. Pensar a subjetividade- estatísticas e fontes orais. IN: MORAES, Marieta. **História oral e multidisciplinaridade**. Rio de Janeiro-RJ: Diadorim/Finep, 1994.

VILLAÇA, F. **Espaço intra-urbano no Brasil**. São Paulo: Nobel/FAPESP, 1998, p. 18-48.

ENTREVISTAS

BEDRECHUK, Salvador. **Entrevista concedida à Soeli Regina Lima**, 2013.

BOAVA, Leonor Crecêncio. **Entrevista concedida à Soeli Regina Lima**, 2015.

BROZOSKI, Lydia Heuko. **Entrevista concedida à Soeli Regina Lima**, 2014.

CHIKALSKI, Lydiá Jientara. **Entrevista concedida à Soeli Regina Lima**, 2014.

EL KOUBA, Gebrael Boulos. **Entrevista concedida à Soeli Regina Lima**, 2014.

GEMRA, Sybila. **Entrevista concedida à Soeli Regina Lima**, 2015.

MULLER, Teodoro Max. **Entrevista concedida à Soeli Regina Lima**, 2014.

PAITER, Martha Hoinaski. **Entrevista concedida à Soeli Regina Lima**, 2014.

PROCHEIRA, Maria Kovalski. **Entrevista concedida à Soeli Regina Lima**, 2014.

SILVEIRA, Felix Damaso da. **Entrevista concedida à Soeli Regina Lima**, 2015.

SUITCK, Lydia Sava. **Entrevista concedida à Soeli Regina Lima**, 2014.

SZCZERBOWSKI, Alvino. **Entrevista concedida à Soeli Regina Lima**, 2014.

Data de submissão: 28.05.2015

Data de aceite: 25.09.2018

License information: This is an open-access article distributed under the terms of the Creative Commons Attribution License, which permits unrestricted use, distribution, and reproduction in any medium, provided the original work is properly cited.